

Projeto Esmeralda: a formação dos professores leigos em Fernando de Noronha (1981 – 1987)

Esmeralda Project: a formation to unqualified teachers in Fernando de Noronha (1981 – 1987)

LILIANE DOS S. GUTIERRE ¹

ARLETE DE J. BRITO²

Resumo

Este artigo apresenta alterações nas práticas dos professores leigos no Território Fernando de Noronha, em especial no ensino de Matemática, nos anos de 1981 a 1987, a partir da execução do Projeto Esmeralda. Tal projeto ocorreu na Unidade Integrada de Ensino de 1º grau (UIE), única escola da ilha, na época. O referencial apoia-se da História Cultural e utiliza fontes orais e escritas. A análise baseou-se na problematização dos documentos e posterior triangulação das fontes que nos indicaram singularidades, divergências e convergências, permitindo-nos apontar as ações implantadas por aqueles que participaram do Projeto Esmeralda, proposto por professores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Palavras-chave: *Professor Leigo, Fernando de Noronha, Projeto Esmeralda, Matemática, Ensino.*

Abstract

This article presents changes in the teachers' practices in the island Fernando de Noronha PE, Brazil, especially to the teaching of Mathematics. It was occurred from the Project Emerald's execution between 1981 and 1987. Such a project happened in the Integrated Unit of Teaching of 1st degree (UIE), only school in island, at that time. The referential leans on the Cultural History and it uses both oral and written sources. The analysis is based on the problematization of the documents and subsequent triangulation of the source and indicated singularities, divergences and convergences. This allow to indicate actions of those teachers that participated in the Project Esmeralda, which was proposed by professor of the Federal University of Pernambuco (UFPE).

Keywords: *Unqualified teacher, Fernando de Noronha, Esmeralda Project, Mathematics, Teaching.*

¹ Pós doutorado pela UNESP. Professora do Departamento de Matemática, UFRN. Email: lilianegutierre@gmail.com

² Livre docente pela UNESP. Professora do Departamento de Educação. UNESP, Rio Claro. Email: arlete@rc.unesp.br

Introdução

Esse artigo deriva da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida por nós no Programa de Pós Graduação em Educação, UNESP – Rio Claro. Tal investigação teve por objetivo analisar a formação e atuação de professores leigos na Unidade Integrada de Ensino de 1º grau (UIE), única escola da ilha de Fernando de Noronha na década de 1980. Alguns desses professores eram oriundos da carreira militar, como será detalhado mais adiante. Assim, tal pesquisa se faz na interface de estudos que abordam a atuação de militares como professores de matemática e a atuação de professores leigos no ensino dessa disciplina.

Há pesquisas que abordam as relações entre militares e o ensino de matemática, como a de Martino (2001) que objetiva investigar, numa perspectiva histórica, as causas da ênfase tradicionalmente dada pelo Exército Brasileiro ao ensino de Matemática em suas academias militares; a de Blanco (2003) intitulada *Aritmética, Geometria e Artilharia no exame de artilheiros de José Fernandes Pinto Alpoim (1744)*; e *Elementos históricos da Educação Matemática no Amazonas: livros didáticos para ensino primário no período de 1870 a 1910* (2010), de Tarcísio Luis Leão e Souza. Há também a dissertação de Ben Hur Mormêllo (2010), intitulada *O ensino de matemática na Academia Real Militar do Rio de Janeiro, de 1811 a 1874*.

Atualmente, observa-se um crescente número de investigações que abordam a atuação de professores leigos no Brasil, bem como sobre os programas de formação para esses professores – veja-se, por exemplo, Brito e Souza (2016), Gromann (2014), Strentzke (2011), Gutierre (2008). No entanto, nenhuma pesquisa até o momento abordou o tema sobre o qual nos debruçando, qual seja, o Programa Esmeralda de formação para professores que atuavam como leigos e ensinavam matemática na UIE, de Fernando de Noronha.

As primeiras memórias sobre o ensino na UIE emergiram em conversa informal com dois amigos nossos: João Gonçalves de Oliveira e Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira³. Por meio deles, soubemos da existência de professores leigos⁴ na escola da

³ Todos os entrevistados autorizaram, por meio de carta de seção, a divulgação de seus nomes.

⁴ A definição de professor leigo variou conforme o período histórico. Na década de 1980, enfocada pelo artigo aqui apresentado, estava em vigor a 5692/71 que estabelecia como regra, para admissão de professores, a seguinte exigência mínima de formação: Magistério em nível de segundo grau para lecionar de 1ª a 4ª série do primeiro grau; Licenciatura Curta para lecionar no Primeiro Grau de ensino e Licenciatura Plena para lecionar nos Primeiro e Segundo Graus de Ensino. Era considerado professor

ilha, na década de 1980, o que nos conduziu à pesquisa, cuja parte dos resultados será narrada nesse artigo. Após uma entrevista⁵ realizada com o casal Oliveira, lançamos mão do critério de rede (GARNICA, FERNANDES, SILVA, 2011) para encontrarmos outras pessoas a serem entrevistadas, ou seja, os entrevistados sugeriam os nomes de novos possíveis depoentes para a pesquisa.

Foi por meio dessas entrevistas que soubemos do Projeto Esmeralda desenvolvido com professores leigos, na década de 1980, que tinha por intuito o apoio educacional ao Território de Fernando de Noronha. Foi proposto por uma equipe interdisciplinar de técnicos de nível superior, pertencentes aos órgãos federal, estadual e municipal (CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984). Nesse artigo, apresentaremos ações de tal projeto e algumas alterações que ele acarretou nas práticas educativas dos professores que ensinavam matemática naquela Unidade Integrada de Ensino.

A fim de tornar possível a interpretação histórica do cenário educacional da UIE, no período estudado, buscamos respaldo na História Cultural, lançando mão de fontes escritas, imagéticas e orais. Para Burke (2006), nessa perspectiva, historiadores se aproximaram da visão de cultura dos antropólogos, pois a palavra “cultura” sugere uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos.

A História Cultural está sendo mobilizada para, a partir da problematização das fontes, criar uma interpretação histórica sobre a cultura escolar, os modos históricos de produção e circulação do conhecimento matemático escolar, de materiais didáticos e da formação e práticas de professores que lecionavam matemática.

Para análise dos dados, organizamos as transcrições das entrevistas, classificamos os documentos que foram se constituindo como tal no decorrer da pesquisa, de modo a criar reflexões que nos reconduziam aos fundamentos teóricos, entre os quais apontamos Burke (2005), Bloch (2001), Chartier (1990) e Ginzburg (2007) e deles de volta aos documentos. Depois de realizada a organização do corpus, lançamos mão do método da triangulação, utilizado por Brito (2008), a partir do momento em que nossas fontes orais e escritas, após seriadas e classificadas, possibilitaram-nos observar regularidades, analisar discursos, indicar distanciamentos ou não entre documentos e assim criamos a nossa narração histórica.

leigo aquele que não possuía a formação necessária para lecionar, conforme o que determinava a lei (cf. EVANGELISTA E GOUVEIA, 2014).

⁵ Foram realizadas entrevistas semi estruturadas (LAVILLE; DIONNE, 1999) com os depoentes.

O Projeto Esmeralda na formação dos professores leigos em Fernando de Noronha

Na primeira metade da década de 1980, época em que a economia brasileira vivia uma inflação altíssima, ir para a ilha de Fernando de Noronha em busca de melhores salários ou de uma gratificação mensal a mais em seus salários era uma oportunidade única aos militares da aeronáutica, conforme entrevistas realizadas por nós com alguns dos que participaram desse processo.

Eles, juntamente, com suas esposas, ao chegarem à ilha atuavam como professores, pois não havia naquele local, em quantidade suficiente à demanda exigida, professores graduados ou com formação específica para a docência. Conforme Silva (2013, p. 271), uma dificuldade sempre enfrentada pelos militares dirigentes, na ilha, foi a contratação de professores, em todos os níveis. Sobre isso, a autora nos diz: “Ao sabor da chegada de pessoas formadas, esposas ou filhas dos militares que vinham servir na ilha, essa dificuldade até poderia ser contornada”. (SILVA, 2013, p. 271). Essas esposas, filhas e mesmo os militares, sem formação docente assumiam as aulas na Unidade Integrada de Ensino de 1º grau (UIE), única escola do então Território de Fernando de Noronha, na década de 1980.

Diante de tal dificuldade, o Projeto Esmeralda objetivava o apoio educacional ao Território de Fernando de Noronha de modo a desenvolver e atualizar um sistema educacional junto à UIE, oferecendo complementação de conteúdo programático a todas as áreas, além de elaborar um esquema didático-pedagógico e fazer um acompanhamento pedagógico, psicológico e social dos envolvidos com a Unidade Escolar. Este projeto foi aprovado pela Comissão Diretora em 25 de abril de 1984 e pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 11 de junho de 1984. (CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984), envolvendo professores daquela Universidade em ações de pesquisa e extensão, conforme se pode observar pelo Relatório do projeto elaborado no ano de 1987:

[...] publicação do livro *Fernando de Noronha: Lendas e Fatos Pitorescos*. [...] uma pesquisa documental foi iniciada, levantando, em todo Brasil, o material existente sobre o Arquipélago. É no contexto dessas dimensões, operacional e de pesquisa, que se justifica a concepção deste documento. [...]. o projeto [Esmeralda] vem desenvolvendo uma grande e abrangente pesquisa documental, resgatando fatos importantes ali ocorridos, desde o século XVI, bem como todas as obras escritas, em todos os tempos. (BARRETO; SILVA; SETE, 1987).

As atividades de extensão com os professores leigos, em Fernando de Noronha, se deram a partir de projetos sociais que os professores do Departamento de Letras realizavam com os professores das cidades do interior de Pernambuco, conforme nos relatou o professor José Ricardo Paes Barreto:

Em primeiro lugar, na universidade, no Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras, nós tínhamos um núcleo, o NUPEC, Núcleo de Programas Educacionais e Culturais, onde a gente fazia um trabalho com as cidades do interior, nós trabalhávamos muito pouco com a capital. Era o objetivo do trabalho, ele era um corpo social. Ele atendia aquela população que tinha mais dificuldades. Então nós fazíamos seminários de extensão. Foi quando pensamos em trabalhar com tudo ligado às Universidades. Garanhuns, e assim por diante, era sempre ligado às faculdades, às faculdades de formação de professores. Pensamos em trabalhar com o ensino fundamental. Começou, então... vamos trabalhar com o leigo, mas pensou com o leigo, entenda, através dos seminários que fazíamos no interior, que, na época, aparecia muito professor leigo, mas aparecia, um professor naquela escola, outro professor na outra escola, não um aglomerado de professores. E Fernando de Noronha, que é uma coisa transitória, como é que fica esse professorado? (JOSÉ RICARDO PAES BARRETO. Depoimento oral em 14 de julho de 2015).

Conforme o relatório do Projeto (CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984), ele veio a atender uma lacuna de formação de professores da ilha, o que é corroborado por uma de nossas depoentes, conforme os excertos a seguir:

Acredita-se que o difícil acesso, a falta de divulgação, a pequena população civil, o constante deslocamento da população militar, tudo isso, talvez, venha contribuindo para que os que fazem educação naquele Território não tenham oportunidade de se prepararem academicamente. (CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984, p.14).

De destaque, foi somente o Projeto Esmeralda, que abrangia quase todas as áreas do conhecimento, oferecendo capacitações para todos os professores-leigos que atuavam, sobretudo, no Ginásio Noronhense (e eram a maioria). Professores do continente eram recrutados para dar os cursos, tudo o que cada um precisaria (como apoio ao trabalho) era providenciado e a escola, que dependia de Brasília para caminhar, adorou essa chance de rever (ou ver pela 1ª vez) coisas que nem tinha ideia que [os professores] poderiam descobrir. Foi um tempo precioso, pelas carências identificadas. (MARIETA BORGES LINS E SILVA. Depoimento por e-mail, 2015).

Naquele momento, os que atuavam na educação escolar, no Território, eram, na sua maioria, os militares da aeronáutica e suas esposas que, por sua vez, não tinham o desejo, conforme seus depoimentos, de permanecer na ilha, daí “o constante deslocamento da população militar”, pois estar professor para eles era algo provisório, corroborando o que nos diz Brandão (1986, apud EVANGELISTA; GOUVEIA, 2014) sobre a instabilidade desse professor que exerce “o magistério provisoriamente em lugar de outra pessoa”.

Por falta de professores, na ilha, os militares e suas esposas eram convocados a lecionar, o que criava para eles “um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar” e sem sair deste, viveram a lei que lhe impuseram com criatividade, tirando desta imposição feita, “efeitos imprevistos” (CERTEAU, 2014, p. 87). Vale dizer que, muitos dos militares ao chegar à ilha com suas esposas não sabiam que iriam dar aulas na UIE, conforme nos diz o senhor João Gonçalves:

Desconhecia totalmente, essa parte de ensino. A gente não tinha conhecimento de nada, e outra coisa, para a escola você era o professor. No nosso caso [ele se refere aos militares], os colegas que lá estavam como professores, se fossem transferidos, eles iam embora, a escola não tinha prioridade [...] se, um outro colega não se prontificasse, [...] as crianças ficavam sem a aula, a gente tinha que chegar junto se não a meninada ficava... (JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 04/05/2013).

Assim, o fato de lecionar na escola, mesmo na condição de professor leigo, tornara-se fundamental para que seus filhos continuassem os estudos a partir da escolaridade advinda do local onde moravam antes de ir para a ilha.

O Projeto Esmeralda foi executado em Noronha, em três etapas. A primeira parte foi “voltada para o processo de técnicas didático-pedagógicas, através de treinamentos, cursos, seminários, pesquisas, etc” (CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984, p. 21). A segunda foi voltada para o “acompanhamento psicológico do alunado no sentido de descobrir as causas de reprovação, evasão e desinteresse” (CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984, p. 21) e a terceira foi “um trabalho de orientação social com a finalidade de aproximar a família e a comunidade da escola”. (CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984, p. 21).

Na apresentação do relatório das atividades desenvolvidas em 1984, o professor da UFPE, José Brasileiro Vilanova, afirma que:

O Projeto Esmeralda de Apoio Educacional ao Território de Fernando de Noronha teve planejamento seguro e cuidadoso e está sendo executado de acordo com o cronograma estabelecido. Iniciado no 2º semestre de 1984 e previsto para execução em 3 (três) anos, já realizou 7 (sete) cursos, [...]. Não é um Projeto teórico. Reúne professores e técnicos que se dedicaram plenamente aos estudos e aos métodos a serem indicados. O Projeto Esmeralda já está vitorioso. Pelo que realizou tudo indica que completará o seu trabalho com os resultados previstos. (VILANOVA, 1984, apud CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984, p.8).

A adjetivação otimista utilizada pelo professor José Vilanova não destoa da fala dos nossos depoentes que eram professores da ilha, naquela época:

A Universidade chegou até nós, foi quando apareceu o Projeto Esmeralda. Este era para justamente dar apoio de reciclagem, alguma coisa assim, para os professores de Noronha, entendeu? [...]. Esse projeto durou mais de dois anos. [...]. Palestras, por exemplo, a gente teve palestras, eu nunca tinha escutado falar sobre Piaget, entendi porque foi um professor, para falar, e falou bem falado, teve várias palestras, assim de temas acerca da educação. [...]. Aconteceram várias palestras, diversos temas, era como se fosse para reciclar mesmo. [...]. Olha, eles cobravam muito do pessoal, eles diziam assim: “- se você é da escola, tem que vestir a camisa mesmo...”. [...] Nos dias dos cursos a direção suspendia a aula, dava apoio, normalmente pegavam mais final de semana, até porque o pessoal que ia já pegava mais quinta, sexta. (GERLÚCIA VIEIRA MADRUGA DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 04/05/2013).

Conceição Jácome de Oliveira, esposa de um dos militares e professora da UEI, narrou que:

Mas ai foi quando veio o projeto Esmeralda e houve uma reunião com a gente, graças a Deus que o projeto Esmeralda atuou o ano inteiro na ilha. Foi fantástico! O trabalho deles foi muito bonito, além do ensino ter tido um impulso muito grande, muito grande mesmo, melhorou muito mesmo. [...]. Eles também instruam as meninas que não eram professoras. Filhas da ilha. Não eram professoras, não tinham formação. [...]. O que aprendíamos no projeto, já usava em sala de aula, para mostrar a gente como é que era, na prática, com os alunos também. Era fantástico o projeto Esmeralda. Toda equipe maravilhosa. [...]. Abriu os caminhos, assim... [...]. A iluminar a mente da gente pra melhor, melhorar, e houve melhoras. (MARIA DA CONCEIÇÃO JÁCOME DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 06/06/2015).

Na fala de Cleide Maria dos Santos, sobre o Projeto Esmeralda, destacamos:

Um dos cursos, que o projeto levou para Noronha, através do projeto Esmeralda, que foi um período muito bom para gente, porque era um curso de extensão mesmo, que era oferecido pelos professores da UFPE, que iam para lá dar esses cursos para gente, e um dos cursos que ajudou a essas crianças, foi trabalhar com crianças com dificuldades especiais, que foi num dos cursos para trabalhar com crianças com dificuldades especiais e inclusão social. [...]. No projeto Esmeralda também tinha outros cursos, como: curso de Matemática, curso de Português. [...]. Eles contribuíram demais, divinamente, para o trabalho da educação em Fernando de Noronha, esse projeto Esmeralda! E deu embasamento de informação acadêmica para muitos, para mim, foi uma das coisas que me ajudou muito, me deu um alicerce para dar continuidade a ser o que sou hoje, professora. (CLEIDE MARIA PEREIRA DOS SANTOS. Depoimento oral em 19/06/2015).

Ainda no relatório do Projeto Esmeralda há um rol das atividades desenvolvidas, entre elas, cursos para professores, conferências, reportagens concedidas por alguns membros do projeto à Televisão Universitária (TVU) da UFPE e ao Diário de Pernambuco. Organizamos, no quadro, a seguir, os cursos ministrados aos professores da UIE, propostos pelo Projeto no ano de 1984, além dos professores ministrantes dos referidos cursos, nomeados de instrutores no projeto em questão, o nível no qual o professor era

destinado a lecionar, a carga horária, o período e os depoentes da nossa pesquisa que participaram dos Cursos.

Tabela 1: informações sobre os Cursos Ministrados na UIE – Projeto Esmeralda

CURSO	INSTRUTOR	CLIENTELA	CARGA-HORÁRIA	PERÍODO	DEPOENTES DA PESQUISA QUE PARTICIPARAM DO PROJETO ESMERALDA
Metodologia do Ensino de 1ª a 4ª séries	Maria Clementina Barros Lapenda	Nível I	15 h	15 a 18 de maio de 1984	Antônia Vaniza Silva Gomes; Cleide Maria Pereira dos Santos; Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira; Massilde Martins da Costa.
Trabalho de Orientação Comunitária e Social	Ângela Furtado de Azevedo	Nível I	15 h	15 a 18 de maio de 1984	Antônia Vaniza Silva Gomes; Cleide Maria Pereira dos Santos; Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira; Massilde Martins da Costa.
Curso de Didática	Marielza Campoza Gouveia; Rosária de Pompéia Bezerra Ramos	Nível II e 2º grau	24 h	28 a 31 de agosto de 1984	Cleide Maria Pereira dos Santos; Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira; João Gonçalves de Oliveira; José Geraldo Antunes de Oliveira; Maria da Conceição Jácome de Oliveira.
Metodologia da Matemática	Rosária de Pompéia Bezerra Ramos	Nível I	30 h	26 a 29 de setembro de 1984	Antônia Vaniza Silva Gomes; Cleide Maria Pereira dos Santos; Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira; Massilde Martins da Costa.
Atividade Físico-Recreativa	Alkísia Lima Ferraz de Sá	Níveis I e II e 2º grau	30 h	26 a 29 de setembro de 1984	Cleide Maria Pereira dos Santos
Avaliação	Armando Reis Vasconcelos	Nível II e 2º grau	30 h	30 de setembro a 03 de novembro de 1984	Cleide Maria Pereira dos Santos; Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira; João Gonçalves de Oliveira; José Geraldo Antunes de Oliveira; Maria da Conceição Jácome de Oliveira.
Psicologia	Maria Rita Varela Vieira; Maria de Fátima Oliveira Vasconcelos	Nível I	30 h	13 a 16 de novembro de 1984	Antônia Vaniza Silva Gomes; Cleide Maria Pereira dos Santos; Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira; Massilde Martins da Costa.

Fonte: GUTIERRE, 2015, p. 72

Diante o quadro apresentado, podemos observar que houve, por parte dos proponentes do projeto, uma preocupação voltada ao ensino de Matemática, uma vez que foi oferecido o curso de Metodologia da Matemática. No ano de 1985 houve outro curso voltado ao ensino dessa área. É sobre eles que relataremos a seguir.

O ensino de matemática antes e depois do Projeto Esmeralda

Segundo nossos depoentes, antes do Projeto, o livro didático era o material prioritário de apoio à preparação das aulas:

O MEC dava o livro, cada aluno tinha o seu livro. [...]. A gente pegava o livro, o livro é esse, de quinta série, por exemplo. Tinha que pegar, tinha que ler, pegar outros livros - tinha biblioteca - a bibliotecazinha lá e nela tinha bastante coisa... Era o livro, a gente ia por ali, e ia fazendo a nossa aula, estudando o conteúdo que a gente ia dar, como é que ia dar e fazia o plano de aula. [...]. A gente só pegava o que tinha no livro. Inclusive, no livro do professor não tem aquelas... [ele refere-se às orientações propostas pelos autores dos livros didáticos], nós liamos. (JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 04/05/2013).

Além disso, João Gonçalves ainda destaca que o conteúdo do livro didático era ministrado na sua totalidade:

[...] Se ficasse alguma coisa era muito pouco, por que era pra cumprir o livro. Não tinha essa de pegar o livro e vamos fazer uma programação dentro desse livro, tirando o que não interessa. Não! Era seguir a risca ali o livro. (JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 04/05/2013).

O Projeto possibilitou aos professores o contato com outros materiais e possibilidades de ensino em todas as áreas, e especificamente em matemática, em dois cursos: um de Metodologia, em 1984 e outro denominado Curso de Matemática, em 1985. Segundo plano de ensino do curso de Metodologia da Matemática, buscavam-se novos caminhos para o ensino de Matemática, já que nele constava o seguinte objetivo geral:

Conduzir o curso de tal maneira que as professoras reflitam de modo teórico e prático, baseadas em experiências profissionais sobre: a importância da matemática, a orientação da aprendizagem em matemática, a relação de técnicas de ensino-aprendizagem de acordo com os objetivos e o conteúdo de matemática, o emprego dos recursos pluri-sensitivos na orientação da aprendizagem em matemática. (CAVALCANTE, SILVA FILHO, ALVES, 1984, p.60).

Na página seguinte daquele plano, consta um quadro, com mais objetivos: (1) descrever os procedimentos adequados ao ensino de contagem; (2) descrever os procedimentos adequados; (3) descrever os procedimentos adequados ao ensino das operações com

números naturais. Adição. Subtração; (4) descrever os procedimentos utilizados nas operações com números racionais; (5) descrever os procedimentos utilizados na solução de problemas.

Ao primeiro objetivo, correspondiam os conteúdos: Fundamentação, fases da contagem, sugestão de atividades, uso do material pluri-sensoriais; ao objetivo 2, o rol de conteúdos era: séries de níveis de experiências na aprendizagem dos números; ritmo na escrita dos números; exercícios para crianças com dificuldades, apresentação do zero, número de 20 a 99, composição do número 100, sugestões de atividades, uso de material pluri-sensoriais. Ao terceiro objetivo, os conteúdos relacionados eram: adição e sua inversa, a subtração, fatos fundamentais, casas a considerar no ensino da adição e subtração, objetivação das operações no quadro valor lugar (QVL). No tocante aos objetivos 4 e 5, os conteúdos, respectivamente, eram: introdução ao estudo de frações e solução de problemas.

As atividades relacionadas ao primeiro objetivo eram: discussão sobre os procedimentos utilizados pelo professor e o desempenho dos alunos, a partir das experiências já vivenciadas. As atividades relacionadas ao segundo objetivo eram: discussão dirigida e trabalhos em pequenos grupos. Em relação ao terceiro objetivo, lançou-se mão do estudo de textos e discussão dirigida. Discussão dirigida foi a atividade relacionada ao quarto objetivo e finalmente ao quinto objetivo, as atividades foram: estudo de texto e discussão dirigida.

Diante do exposto, o que poderíamos entender por descrever os procedimentos adequados? O que seriam esses procedimentos? O uso de materiais sensoriais foi fortemente utilizado na década de 1980, devido também às propostas de ensino que criticavam o excesso de abstração advindo do Movimento da Matemática Moderna (MMM). Lembremos, por exemplo, dos Blocos Lógicos⁶, material de manipulação proposto por Zoltan Paul Dienes e do material dourado⁷, proposto pela educadora

⁶ Blocos Lógicos são conjuntos de 48 peças geométricas divididas em 12 quadrados, 12 círculos, 12 retângulos e 12 triângulos, nas cores azul, amarelo e vermelho, nas espessuras grossa e fina e nos tamanhos grande e pequeno. Podem ser de feitos de madeira, de E.V.A. (Espuma Vinílica Acetinada) ou de outro material, desde que possua as características apresentadas.

⁷ O material dourado é formado por O material dourado tem por característica a cor dourada, quando os primeiros materiais, no início do século XX, foram confeccionados, sendo que, atualmente, os encontramos de madeira, mas não necessariamente na cor dourada, ou em outro tipo de material, como o E.V.A., por exemplo. Possui divisões feitas por pequenos sulcos e cada parte representa a unidade, dez partes agrupadas formam uma “barra”, representando a dezena, dez “barras”, da dezena, agrupadas representam a “placa” da centena, e dez “placas” da centena agrupadas equivalem ao cubo do milhar.

italiana Maria Montessori que estavam presentes em várias Propostas Curriculares daquela década, como, por exemplo, a de 1986 de São Paulo (SÃO PAULO, 1986).

Nos trabalhos de Montessori, encontramos referência ao material sensorial, na perspectiva de que estes ajudam a criança a aprender, quando associa os conceitos abstratos à experiência de tocá-los e de vê-los. Esse entendimento em relação ao material manipulativo, em especial, ao material dourado, também se estendia a outros materiais como, por exemplo, os Blocos Lógicos e o Quadro Valor de Lugar, citado no plano do curso de Metodologia da Matemática. Essa constatação nos faz evidenciar a presença forte da tendência Empírico-Ativista (FIORENTINI, 1995) no ensino, em Fernando de Noronha, durante a execução do Projeto Esmeralda, uma vez que os que lançam mão dela “entendem que a ação, a manipulação ou a experimentação são fundamentais e necessárias para a aprendizagem” (FIORENTINI, 1995, p.9). Esse mesmo enfoque empírico esteve presente no Curso de Matemática, de 1985, conforme afirmado por nossa depoente, professora Yara Maria Leal Heliodoro, instrutora deste curso:

naquele momento, a grande preocupação com a formação dos professores, centrava-se em como eles deviam ensinar. Não havia uma preocupação, como a gente tem hoje de saber como é que o aluno aprende. Hoje a gente tem mais preocupação como é que o aluno aprende, mas naquele momento nós não tínhamos, a preocupação não era essa, a preocupação era como ensinar. Então, havia muita preocupação com o conteúdo, com o material, com a confecção de material didático. E eu acho que naquele momento eu era meio empirista, devido até a minha formação. Naquela época, eu já tinha alguns anos de experiência como professora, minha história é meio inusitada, assim..., por que eu fiz um curso normal rural, e comecei minha carreira como professora no colégio em que estudei, dando aula de matemática no curso ginásial. (YARA MARIA LEAL HELIODORO. Depoimento oral em 13/07/2015. Grifos nossos).

A carga horária do Curso de Metodologia da Matemática, de 1984, foi de 30 (trinta) horas e ele foi ministrado para os professores do nível I, pela instrutora Rosária de Pompéia Bezerra Ramos, nomeada pelos coordenadores do referido projeto. Esse curso aconteceu no período de 26 a 29 de setembro de 1984. Participaram dele as nossas depoentes: Antônia Vaniza Silva Gomes, Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira e Massilde Martins da Costa.

O curso trouxe algumas alterações nas práticas pedagógicas do ensino de Matemática, possibilitando às cursistas não depender mais somente do livro didático em suas aulas, repensar o conteúdo desenvolvido até então e a metodologia utilizada em suas práticas, conforme observamos pelo depoimento da professora Vaniza:

eu dava aula de acordo com o que eu aprendi, então, na época, que eu aprendi foi muito na ditadura, que não podia aquilo, então realmente eu acho que eu não fui uma boa referência para os meus alunos. Então, eu me arrependo muito, mas eu não tinha essa formação. Então, quando nós íamos lendo, que íamos abrindo a mente, abrindo esse leque para realmente nos autoavaliarmos, fazer uma autoavaliação, perguntando: “- será que eu estou fazendo bem para essas crianças? Eu estou contribuindo?” E no momento lá, em Fernando de Noronha, que a gente tem esses cursos [ela se refere aos cursos do projeto Esmeralda], a gente conseguia fazer, mas no primeiro momento que a gente não tinha esse apoio, era difícil de entender como funcionava essa didática. (ANTÔNIA VANIZA SILVA GOMES. Depoimento oral em 17 de julho de 2015).

Contudo, observamos que o Projeto Esmeralda apesar de propiciar aos professores das séries iniciais novos conhecimentos, preservava ainda conteúdos bastante tradicionais no ensino de Matemática, dentre os quais destacamos o ensino dos números até a primeira dezena e depois da segunda dezena até 99 para somente depois inserir-se a centena, com o uso do quadro valor de lugar, além dos fatos fundamentais das operações que eram, na época, as tabuadas de adição e multiplicação.

O documento que traz as ações do projeto no ano de 1986 relata uma proposta de implantação de um currículo, ao nível experimental, na UIE, destinada as turmas de 1ª a 4ª séries do 1º grau⁸. Nele ficamos sabendo do Curso de Matemática que ocorreu no período de 10 a 13 de setembro de 1985, com uma carga horária de 30 (trinta) horas. Sua instrutora foi a professora Yara Maria Leal Heliodoro. Participaram dele as nossas depoentes: Antônia Vaniza Silva Gomes, Cleide Maria Ferreira dos Santos, Gerlúcia Vieira Madruga de Oliveira e Massilde Martins da Costa. O Curso de Matemática tinha como objetivo geral possibilitar aos professores o conhecimento e vivência de métodos e técnicas aplicáveis no ensino de Matemática.

Foram 8 (oito) unidades trabalhadas, que apresentaremos a seguir, com a respectiva carga horária de cada uma: análise dos perfis de saída dos alunos por série (4h); fases do ensino-aprendizagem (4h); técnicas operatórias (6h), resolução de problemas (4h); jogos no ensino da Matemática (3h), tendências atuais do ensino da Matemática (2h); atividades de fixação (3h); material didático (4h).

Os objetivos específicos eram: (1) analisar conteúdos mínimos de 1ª a 4ª série; (2) identificar as fases do ensino-aprendizagem das operações fundamentais; (3) vivenciar as técnicas operatórias; (4) proporcionar estudo sobre considerações importantes na resolução de problemas; (5) vivenciar jogos no ensino de Matemática; (6) identificar

⁸ O que corresponde atualmente do segundo ao quinto ano do Ensino Fundamental.

tendências atuais do ensino da Matemática; (7) elaborar ‘ciclos didáticos’; (8) construir ‘baterias’ de exercícios; (9) confeccionar material didático.

Os conteúdos programáticos associados aos objetivos eram: conteúdos mínimos (perfil de saída por série); fases do ensino-aprendizagem das operações fundamentais; técnicas operatórias; tipos de problemas; valor e importância do ensino dos problemas; fatores que influem na resolução de problemas; jogos no ensino da Matemática; objetivos visados; a reformulação dos conteúdos; a reformulação dos métodos; (aceitar sugestão do grupo em relação ao conteúdo).

Os modos operacionais descritos foram: leitura comentada, exposição dialogada, demonstração simples no QVL e no Flanelógrafo no estudo dos fatos fundamentais; exploração de álbum seriado; exposição dialogada; exploração de jogos; leitura comentada de um texto; trabalho em grupo.

Sobre a metodologia do ensino de Matemática, nomeada nos planos de Curso do Projeto Esmeralda de modos operacionais vimos uma preocupação daqueles que ensinaram Matemática, no Projeto, em disponibilizar e instrumentalizar os professores leigos a utilizarem outras maneiras para ensinar Matemática, diferentes da aula puramente expositiva ou da aula baseada somente no livro didático. O planejamento para as aulas de Matemática indicava, como falamos anteriormente, o uso de vários materiais didáticos, entre eles flanelógrafo, o QVL, álbum seriado, jogos, materiais pluri-sensoriais.

Percebemos, então, que os professores convidados para lecionar nas aulas do Projeto Esmeralda – os instrutores – voltavam-se ao uso do material didático e aos recursos visuais, até porque, o método da descoberta estava muito presente nas ações dos instrutores, uma vez que entendemos ter feito parte da sua formação acadêmica. Mas, ressalta a diferença de abordagem dos cursos ministrados nos anos de 1984 e 1985. Talvez isso se deva à formação das ministrantes, pois Yara Maria Leal Heliodoro era formada em Pedagogia e provavelmente estava atualizada em relação às discussões que ocorriam sobre jogos e resolução de problemas na Educação Matemática já que, além de ser professora de professora da rede estadual de ensino, trabalhava como chefe da Unidade de Ensino do 1º Grau da Secretaria Municipal de Educação e realizava orientação pedagógica para supervisores que trabalhavam com os professores das escolas.

Além disso, o professor José Ricardo, coordenador do Projeto Esmeralda, ao ser questionado por nós sobre como se dava a escolha desses profissionais chamados “instrutores”, nos falou que

Até certo ponto, fazíamos uma seleção, porque juntava o pessoal de Letras, do Centro de Artes e do Centro de Educação, então tínhamos essa quantidade enorme de currículos para analisar e fazíamos a seleção. Nilza⁹, por exemplo, era da prefeitura. Não era só professor da Universidade, não! Pode deixar isso bem claro, viu? Não era só professor da Universidade. Vinha professor da Universidade, claro, mas vinha professor do Estado, do Município. Yara¹⁰, por exemplo, era do município, eu acho, bem como professores de outras Universidades. (JOSÉ RICARDO PAES BARRETO. Depoimento oral em 14 de julho de 2015).

José Ricardo nos disse ainda que tinha acesso a esses profissionais, muitas vezes, quando participava de congressos:

Participávamos de congressos, de seminários, de simpósios. Tinha professor que apresentava proposta diferenciada. O que eu não queria era a mesmice, entendeu? Agora uma coisa que foi boa para os professores, para ilha: a experiência profissional deles, porque a gente usou as mãos, vamos dizer assim, de forma proposital, seja em Língua Portuguesa, em Matemática, a gente lidava mais com trabalho didático e mais com a prática. (JOSÉ RICARDO PAES BARRETO. Depoimento oral em 14 de julho de 2015).

É preciso destacar que, nesse período, os professores não leigos na ilha – como a nossa depoente professora Cleide – também traziam, de sua formação fora do ambiente insular, práticas de ensino diferenciadas em relação às dos demais professores que estavam na UIE. Ela nos relata que fazia

o planejamento mensal e o planejamento semanal. Cada dia eu tinha algo para oferecer para aqueles meninos, diferente, que não era sala de aula, vamos para o laboratório, hoje a gente vai ter aula no laboratório, trabalhar com esse material, vamos formar os grupos. Passei a trabalhar também com sucatas, passei a utilizar tampinhas de garrafas, palito de picolé, caixa de fósforos. [...] Tudo que eu aprendi no magistério! Por que em Noronha nessa época, não tinha. Os professores não foram trabalhados para isso, mas o que eu aprendi no magistério em Pernambuco, então eu passei a trabalhar com esse material, com esse recurso, que eles tinham na ilha, no dia a dia, digo: “- Quero pessoal, todo mundo amanhã, botava na lousa, no quadro, vamos ver o que vocês podem trazer amanhã, para gente trabalhar com matemática, eu quero que você...”. Fernando de Noronha tem muita coisa, pedrinha no mar, búzio, então o fulano esse grupo vai trazer búzio, esse grupo vai trazer pedra, esse grupo vai trazer caixinha de fósforo, aí formei o meu material de trabalho com eles, para trabalhar com eles dominó, adoravam jogar dominó, adoravam trabalhar dominó. [...] Eu levava essas crianças para o laboratório, eu tinha que tirar de sala de aula, por que a sala de aula, já tinha todos os dias, então eu os tirava de sala de aula, ou levava para o laboratório ou para nossa quadra, que era coberta, nós tínhamos uma quadra coberta, e formava os grupos para trabalhar a matemática, aí um grupo, ia trabalhar com adição,

⁹ Professora Nilza Maria Nunes Sete. Professora efetiva da Secretaria de Educação/Governo do Estado de Pernambuco. Participou da equipe de elaboração do relatório do Projeto Esmeralda, entre outras atividades do mesmo.

¹⁰ A Professora Yara Maria Leal Heliadora é uma de nossas depoentes, nessa pesquisa.

outro grupo com subtração, e tinha competição, entre eles, dependendo do número de crianças ali, aí tinha as competições, quem fez mais ponto, quem conseguiu, então sempre alguém estava querendo melhorar a performance com relação ao que estava trabalhado porque, eu digo “- Olhe o grupo que conseguiu, vai fazer um passeio comigo para Cacimba do Padre”, então, eu tirava eles da sala de aula para um mundo que tinha em Fernando de Noronha, é que eles amavam o tal dia, nós vamos fazer um passeio, só que nesse passeio tinha o que a gente ia trabalhar, muita coisa na praia, a gente ia ver a posição geográfica, a gente ia ver trabalhar as plantas, então, eu consegui êxito com essas crianças, com essa mudança de trabalho que eu tive com eles, dos meninos que diziam, que as pessoas taxavam: “parecem uns diabinhos” não minha gente, esses meninos estão precisando de alguém que os motive, então não tinha ninguém que tinha paciência, por que já estavam todos saturados e cansados, então não olhavam o outro lado dessas crianças, então eu cheguei com a cabecinha fresquinha, com novidades do que eu passei no magistério [...] Eu trabalhava com eles mesmos, a gente pegava papel, folha, que não era a folha que a gente tinha. A gente não tinha esse material, a gente pegava papel de computador, aquelas fixas todinhas, eu estirava assim, umas três, colocava na parede e fixava, e vamos trabalhar os tamanhos, quem é grande? Quem é pequeno? Eles iam à parede, e com fita métrica eles mediam o amigo. Então foi trabalho. O que eu fiz com eles e que eles com certeza, conseguiram vencer as etapas da dificuldade, com as brincadeiras, com os materiais. (CLEIDE MARIA PEREIRA DOS SANTOS. Depoimento oral em 19/06/2015).

Havia uma preocupação em formar a comunidade: “todo mundo, todo mundo da ilha estava na escola, toda criança estava na escola, não ficava ninguém, tinha que ir para a escola” (GERLÚCIA VIEIRA MADRUGA DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 04/05/2013). Além disso, como nos aponta Bourdieu (2004), em seu livro, *Coisas Ditas*, sentimos na fala dos casais João e Gerlúcia e, José Antunes e Conceição, o “tremor da voz”, o “não dito”, acerca, por exemplo, da indisciplina dos alunos e dos hábitos dos insulanos. Seu José Antunes em relação aos alunos da época na UIE nos diz “eles eram muito rebeldes”. (JOSÉ GERALDO ANTUNES DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 06/06/2015).

Por outro lado, ações de enfrentamento de situações de indisciplina dos alunos também foram observadas por nós nos depoimentos das professoras Cleide e Vaniza. A professora Cleide nos relata que levou “uma tapa no rosto, de uma garota” (CLEIDE MARIA PEREIRA DOS SANTOS. Depoimento oral em 19/06/2015), mas que criou condições de obter o respeito da aluna, uma vez que buscou metodologias diferenciadas de ensino, por meio da valorização do aluno, permitindo-lhe o construir o conceito matemático, lançando mão de jogos e de material concreto.

A professora Vaniza nos relata que um dia um aluno entrou na sala de aula com uma faca na mão e com uma melancia. Quando perguntamos a sua reação, ela nos disse: “Eu me tremi todinha (risos)” e acrescentou: “eles queriam intimidar”. (ANTÔNIA

VANIZA SILVA GOMES. Depoimento oral em 17/07/2015). Disse-nos ainda que esse mesmo aluno dizia: “- a última professora que saiu daqui foi debaixo de cabo de vassoura”, contudo, ela não se deixava intimidar, respondendo “pois então está certo, pois vamos ver se eu vou sair daqui debaixo de cabo de vassoura!” (ANTÔNIA VANIZA SILVA GOMES. Depoimento oral em 17 de julho de 2015).

Nesse sentido, Bourdieu (2014) nos aponta que as manifestações de violência dos estudantes, nos últimos vinte anos, nada mais são do que “manifestação visível dos efeitos permanentes das contradições da instituição escolar e da violência de uma espécie absolutamente nova que a escola pratica sobre aqueles que não são feitos para ela” (BOURDIEU, 2014, p. 250).

Diante disso, na busca de jamais renunciar à escola e não permitindo ser forçada a diminuir suas pretensões (BOURDIEU, 2014), Dona Conceição, que viveu na ilha na época do comando da aeronáutica, também nos aponta a preocupação que tinha em relação ao ensino a UIE, inclusive por que sabia que seus filhos fariam parte desse processo. Assim, ela buscava alternativas para motivar as crianças e adolescentes da instituição a interessarem-se pela escola: “para ver se melhora a maneira, o gosto pelo estudo dos meninos da ilha, porque ficava numa situação, Liliane, o conteúdo, eles não queriam saber de nada, e os nossos filhos seriam prejudicados” (MARIA DA CONCEIÇÃO JÁCOME DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 06/06/2015). Dona Conceição, entrevistou fortemente transformando também em situação favorável o que lhe foi imposto (CERTEAU, 2014), pois

muitas vezes me perguntavam: “- Conceição, o que é que eu faço pra dinâmica? Aí a gente dava sugestões e pronto. Estava havendo problemas com as aulas de inglês, aí eu disse: “- meu Deus! Será que a turma não está gostando de ler, de cantar música em inglês? Então falei com professor: “porque você não vai pra debaixo do coqueiral, que era feito assim no colégio, e dá o papel - que a gente fazia a cópia e a criança ir cantar - ali desenvolvia o português, o inglês, saberia interpretar, “- isso em português quer dizer o quê? E melhorou muito, muito, muito, muito (MARIA DA CONCEIÇÃO JÁCOME DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 06/06/2015).

Ações dessa natureza, advindas de professores leigos ou não, mas de pessoas que conviviam com a realidade dos ilhéus, nos remeteram a Dalcin, Silva e Santos (2012, p.94) quando os autores nos dizem que “o saber proveniente da experiência é infinito, particular, subjetivo, relativo e pessoal, não sendo possível separá-lo do docente que o ‘encarna’ e ainda, é a experiência que ensina a ‘viver humanamente’”.

Algumas considerações finais

Fontes escritas, advindas de arquivos públicos e pessoais, com os depoimentos dos nossos entrevistados, possibilitaram-nos afirmar que reformas metodológicas e curriculares aconteceram, efetivamente, na única escola de Fernando de Noronha, a UIE, uma vez que por meio da execução do Projeto Esmeralda, foi possível a realização de estudos sistemáticos e contínuos aos professores leigos, por quatro anos consecutivos – 1984, 1985, 1986, 1987 - sob a coordenação do professor José Ricardo Paes Barreto, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Além disso, tal Projeto abriu um leque de ações.

Houve a capacitação (seminários, treinamentos, palestras) dos professores leigos, atendendo, das mais diversas formas (social, cultural, educacional, econômica) à comunidade insular, bem como a elaboração, no ano de 1986, de uma proposta curricular experimental para UIE, destinada às turmas de 1ª a 4ª séries do 1º grau e a elaboração, no ano de 1987, de uma proposta de implantação de um currículo, em nível experimental, destinada às turmas de 5ª a 8ª séries do 1º grau.

Houve também no Projeto, uma pesquisa documental sobre a história da ilha realizada pela historiadora professora Marieta Borges, resultando na publicação de seus livros, a partir do acervo documental construído e da divulgação de suas pesquisas por meio de conferências em eventos, como o XVII Fórum Nacional dos Secretários de Educação, que aconteceu de 06 a 08 de maio de 1987 (BARRETO; SILVA; SETE, 1987).

O Projeto Esmeralda, diante de nossas análises foi, portanto, um momento charneira (JOSSO, 2004), um “divisor de águas”, no que se refere a aprender e ensinar do professor leigo, ultrapassando os limites da sala de aula, dando aos professores leigos novas perspectivas de trabalho, como, por exemplo, à Dona Gerlúcia, nossa depoente, que passou a fazer parte da equipe de elaboração, na área de Comunicação e Expressão, do currículo experimental para a UIE e a acompanhar o coordenador do curso, no ano de 1987, a fóruns nacionais, como no XVII Fórum Nacional dos Secretários de Educação, já citado aqui (BARRETO; SILVA; SETE, 1987). Outra professora da UIE, a professora Cleide Maria Ferreira dos Santos, por meio do Projeto Esmeralda, viajou à Brasília para participação no Seminário Nacional de Ensino Especial, que aconteceu nos dias 23 a 26 de novembro de 1987 (BARRETO; SILVA; SETE, 1987).

Não podemos deixar de ressaltar que a redemocratização que acontecia em nosso país, na década de 1980, estabeleceu, por parte do comando militar - que até 1981, era do

Exército, sendo alterado, em 1982, para a Aeronáutica - uma mudança na vida do ilhéu, no sentido de que seus direitos passaram a ser mais respeitados, suas vozes passaram a serem ouvidas, além de adquirirem maior liberdade (COSTA, 2012, p.24).

Entre outras ações, o comando da Aeronáutica financiou todo o Projeto Esmeralda, conforme nos relatou o professor José Ricardo. Foi esse comando que também tomou decisões diferenciadas em relação aos comandos anteriores, como por exemplo, a forma de pagamento dos ilhéus, que lecionavam na UIE, relatada pela senhora Gerlúcia, bem como a admissão de funcionários para direção da UIE, que não necessariamente fossem esposas dos militares.

Filhos da ilha também assumiam turmas na UIE. Quando o exército saiu, o exército fez uma coisa: botou todo mundo para ser funcionário do Território. Então quem trabalhava pescando, pescador, pessoal que trabalha no palácio do governo, todo mundo, o pessoal que era da escola, todo mundo passou a ser funcionário do Território. Eles fizeram uma tabela, chamada tabela especial, só que deixou de fora as esposas dos militares. Pois estas mesmo trabalhando na escola, que era uma grande maioria, não eram funcionárias. Eles disseram que não podia entrar porque não era uma população estável, elas iam ser movimentadas, então que aquela tabela era só para os da ilha. Assim, as esposas recebiam salário, recebiam só aquele dinheiro, mas não eram funcionárias, não tinha vínculo empregatício nenhum. [...]. E recebia aquele dinheiro que vinha do MEC, enquanto que as outras professoras, aí começou a ter, porque tinha o pessoal civil que ganhavam x, e o pessoal que não era, as esposas dos militares ganhavam – 4x, então aí quando foi a aeronáutica assumiu, o exército saiu, quando a aeronáutica assumiu, aí o governador foi e disse: “- não, se as esposas dos militares podem trabalhar então elas podem também ser funcionárias”, aí começou, aí em 84 regularizou todo mundo. (GERLÚCIA VIEIRA MADRUGA DE OLIVEIRA. Depoimento oral em 04/05/2013).

Assim, a formação do professor leigo em Fernando de Noronha, na década de 1980, se deu pelo financiamento da aeronáutica e pela execução do Projeto Esmeralda, capacitando os professores na ilha.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

BARRETO, J. R. Paes; SILVA, M. J. B. L. e; SETE, N. M. N. *Relatório Projeto Esmeralda*. Recife: UFPE, 1987.

BLANCO, L. *Aritmética, Geometria e Artilharia no exame de artilheiros de José Fernandes Pinto Alpoim (1744)*. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – PUC/SP. São Paulo, SP, 2003.

BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, P. *Escritos da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BRITO, A. J. *A USAID e o Ensino de Matemática no Rio Grande do Norte*. In *Bolema*, Ano 21, nº 30, Rio Claro (SP), p. 1-25. 2008,
- BRITO, A. J.; SOUZA, L. A. *Cursos emergenciais para professores que ensinam matemática*. In *HISTEMAT*, Ano 2 (3), p. 149-167, 2016.
- BURKE, P. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CAVALCANTE, E.; SILVA FILHO, J. F.; ALVES, M. J. C. *Relatório do Projeto Esmeralda*. Recife: UFPE, 1984.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHARTIER, R. *A História Cultural: entre prática e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, M. M. *Ludopoiese e Humanescência no educador infantil*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- DALCIN, A.; SILVA, A. A.; SANTOS, V. M. P. (Orgs.). *Memórias do Curso de Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra dos Bugres*. Cuiabá: KCM Editora, 2012.
- EVANGELISTA, C. J.; GOUVEIA, C. T. G. *A formação de professores leigos: um olhar para os periódicos*. In: BRITO, A. J.; FARIAS, K. S. C. S.; MIORIM, M. A. (Orgs.). *Pesquisas históricas em jornais e revistas: produções do HIFEM*. São Paulo: Editora da Física, 2014.
- FIorentini, D. *Alguns modos de ver e conceber o ensino da Matemática no Brasil*. *Zetetiké.*, v.3, n. 4, p. 1-38, nov. 1995.
- GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. *Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral*. *Bolema*, v. 25, nº 41, p. 213-25. 2011.
- GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- GOUVEIA, C. T. G. *Correntes de pensamentos nos módulos de Didática da Matemática: formação de Professores Leigos no Projeto Logos II*. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (ENAPHEM), 2., 2014, Bauru. Anais do 2º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática: fontes, temas, metodologias e teorias: a diversidade na escrita da História da Educação Matemática no Brasil, Bauru: Faculdade de Ciências, 2014.

GUTIERRE, L. S. *O ensino de matemática no Rio Grande do Norte: trajetória de uma Modernização (1950-1980)*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

GUTIERRE, L. S. *Relatório de atividades de pesquisa do estágio de pós-doutorado no PPGE da UNESP/Rio Claro*. Relatório (Pós-Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. UNESP, Rio Claro, 2015.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

JOSSO, M. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LAVILLE, C; DIONNE, J. *A Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARTINO, M. C. *O ensino de Geometria na formação do oficial do exército brasileiro*. Dissertação (Mestrado). FE/UNICAMP, 2001.

MORMÊLLO, B. H. *O ensino de matemática na Academia Real Militar do Rio de Janeiro, de 1811 a 1874*.IMECC/UNICAMP, 2010.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SÃO PAULO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. CENP. *Proposta Curricular para o ensino de matemática*. 1º Grau. São Paulo: SE/CENP, 1986.

SAVIANI, D. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SILVA, M. B. L. *Fernando de Noronha: cinco séculos de história*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

SOUZA, T. L. L. *Elementos históricos da Educação Matemática no Amazonas: livros didáticos para ensino primário no período de 1870 a 1910*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Educação Matemática. MS. 2010

STRENTZKE, I. *Inajá, homem-natureza, geração e tucum: uma análise da proposta pedagógica de 1987 a 2000*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2011.

Texto recebido: 14/04/2016

Texto aprovado: 19/03/2017